



# Amós: narrativa, memória, cotidiano e profecia! (Anotações exegéticas e arqueológicas em Amós 1-2)

*Amos: narrative, memory, daily life and prophecy!*  
*(Exegetical and archeological notes in Amos 1-2)*

SUELY XAVIER DOS SANTOS<sup>a</sup>

## Resumo

Este artigo aborda o texto de Amós 1-2 na perspectiva exegética e faz algumas anotações a partir da arqueologia. Não há o uso da abordagem maximalista na tratativa do texto, mas uma leitura atenta aos aspectos exegéticos e arqueológicos que podem ser lidos e relidos no texto em questão para uma compreensão do cotidiano. Assim, o artigo apresenta uma leitura de Amós a partir do conhecido *ciclo para os povos* e o que isso representa para o povo pobre camponês no período do século VIII a.C. em Israel Norte, em um momento de retomada de expansão territorial e prosperidade econômica.

**Palavras-chave:** Amós. Exegese. Arqueologia. Cotidiano. Camponês.

## Abstract

*This article approaches the text of Amos 1-2 from an exegetical perspective and some notes from archeology. There is no use of the maximalistic approach in dealing with the text, but a careful reading of the exegetical and archaeological aspects that can be read and reread in the text in question for an understanding of everyday life. The article presents a reading of Amos, from the well-known cycle for the peoples and what this represents for the poor peasant people in the period of the 8th century. BC in North Israel, at a time of resumption of territorial expansion and economic prosperity.*

**Keywords:** Amos. Exegesis. Archeology. Daily life. Peasant.

<sup>a</sup> Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, SP, Brasil. Doutora em Ciências da Religião pela UMESp, e-mail: suelyxavier@hotmail.com

## Introdução

Falar de profetas é defrontar-se com uma voz que não se cala. É uma voz que ecoa diante das corrupções e da degeneração do ser humano, em face as suas relações injustas na busca de seus interesses. É confrontar com a realidade do enfraquecimento das relações de alteridade e de justiça, tão necessárias para uma sociedade mais igualitária.

Há gritos. Há lamentos. Há injustiças. Há também profetas, estes que ouvem o lamento do povo, ouvem quando eles não podem lamentar, pois estão amordaçados pelas estruturas de poder, ouvem, sobretudo, a voz que a eles fala e que não pode calar. A voz de seu interior, uma voz que fala profundamente, incomoda, confronta e os impulsiona a denunciar toda a injustiça.

Amós é uma dessas vozes que não se calaram. Foi uma voz que identificou os problemas e não se acomodou. Sua *davar* foi eloquente! Seria esse o motivo da duração de sua profecia, aproximadamente 1 ano? Amós denunciou reis, proprietários de terras, exército e, inclusive, sacerdotes.

E para ouvir a voz de Amós e falar sobre sua profecia, é preciso revisitar o século VIII a.C. para nos aproximarmos deste período e de um rei que teve muitas conquistas nesse tempo, Jeroboão II (788 a.C. – 747 a.C.), mas igualmente propiciou um tempo de muitas desigualdades.

O livro de Amós é um livro do cotidiano, como salienta Schwantes (2004, p. 13) “a experiência que nos leva a Amós é vida vivida, dia-a-dia. É ‘pé-no-chão’ [...]. Profetas como Amós não são alto-falantes de escândalos públicos, mas antes ‘palavra’ de dores do dia-a-dia”. Nesta perspectiva, estudar o profeta Amós é tentar reconstruir o dia a dia da comunidade e a cotidianidade do profeta e de sua profecia. Certamente, a perspectiva de novas descobertas arqueológicas e as novas interpretações sobre o papel do reino do Norte no cenário do século VIII a.C. são partes importantes no estudo desse cotidiano. Deste modo, este artigo faz uma introdução ao livro do profeta Amós e aos capítulos 1 e 2 desse livro, utilizando-se da exegese e da arqueologia na percepção desse cotidiano do profeta.

## Amós: tempo e narrativa

### *Tempo*

Entender a mensagem do profeta Amós é observar os acontecimentos do século VIII a.C., ainda que em retroprojeção ou a partir das releituras por parte do Sul. Especialmente, por defrontarmos com um reino expansionista, marcado por um período de prosperidade econômica, territorial e política, e, ao mesmo tempo, olharmos para a vida do povo camponês sofredor, que não se beneficia desse momento auspicioso em Israel Norte.

Após a dinastia omrida (884-842), como pode ser observado a partir das estelas de Mesa e Dã, do período de 840 a.C., o retorno do Norte ao cenário internacional ocorre com Jeroboão II (788-747). Segundo Finkelstein e Silberman, Israel Norte vivenciou um período de prosperidade que remonta ao período de 800 a.C. em diante (2003, p. 283). Na discussão de Kaefer a este respeito, ele salienta o seguinte:

O auge é alcançado por Jeroboão II (788-747), cujo reinado foi o mais longo da história de Israel Norte (2Rs 14,25-28). É com ele que Israel Norte retoma as fronteiras de outrora: “Jeroboão restabeleceu as fronteiras de Israel, desde a entrada de Emat até o mar da Arábia” (2Rs 14,25a). As escavações mostram que nesse período as cidades de Dã, Betsaida, Hazor e Meguido eram administradas por Israel Norte. É possível que o domínio de Israel Norte tenha chegado até Eilat, no Golfo de Ácaba (Finkelstein, 2013). É a primeira vez que são encontradas inscrições em hebraico em Hazor e Samaria. (2015, p. 140)

O profeta Amós proferiu seus oráculos em pleno governo de Jeroboão II (788-747 a.C.), cuja liderança é marcada por duas vertentes importantes para a compreensão da história do Norte nesse período: primeiro o *progresso na agricultura* e segundo um *crescimento populacional* (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 284). Este dado ajuda a compreender melhor as palavras atribuídas ao sacerdote Amazias, que referindo-se às denúncias de Amós diz: *A terra não pode suportar suas palavras* (7,10).

Sobre a primeira vertente, *progresso na agricultura*, Finkelstein e Silberman destacam que neste período as regiões montanhosas de Samaria se tornaram celeiros na produção de olivais e vinhas: “o óleo de oliva das regiões montanhosas de Israel podia ser exportado com lucro para a Assíria e

embarcado para o Egito, pois esse país e a Assíria não dispunham de boas regiões para o cultivo da oliveira” (2003, p. 284).

Sobre a segunda vertente, o *crescimento populacional* descrito por Finkelstein e Silberman (2003, p. 287) e Faust (2000, p. 22), estes discutem a questão da complexidade étnica, ou a dificuldade de se fixar uma etnia única para Israel Norte. Com base nas escavações em que foram descobertas *casas de quatro quartos até um quarto* (que representam estratos sociais diferentes e famílias nucleares, que nem sempre são tratadas na Bíblia), esta discussão é levada para

a complexa realidade da sociedade plural que existia dentro da entidade política discutido aqui (o reino de Israel), em que existiam vários grupos étnicos, e diferentes dinâmicas influenciando as relações entre os grupos nos setores urbano e rural (em Vales do Norte) (FAUST, 2000, p. 23).

Além do mais, há uma clara distinção entre os assentamentos urbanos e rurais: enquanto o primeiro grupo convive com as “novidades” e inculturação, o segundo tenta permanecer “puro”, pois, ao mesmo tempo, não possui atração para as áreas urbanizadas e etnicamente plurais<sup>1</sup>.

Há que mencionar também as conquistas territoriais, pois houve “ampliação das fronteiras em direção ao norte (Damasco e Emat) e ao Sul (Mar Morto). (...) O que servia para aumentar a arrecadação de tributos” (SCHWANTES, 2004, p. 16), e ajudava a garantir e alargar o controle das rotas comerciais. Uma destas conquistas se dá em Jezrael<sup>2</sup>, que segundo Finkelstein e Silberman, trata-se de uma “larga área agrícola muito rica, que também servia como a maior rota de comércio e comunicação por terra entre o Egito e a Mesopotâmia” (2003, p. 289).

Também é preciso compreender a dinâmica social da época. Duas realidades, campo e cidade, tinham diferenças bem marcantes. No *campo*, onde “vivia a maioria da população”, havia pequenas vilas, militarmente mais

---

<sup>1</sup> Sobre a questão étnica, ver artigo: FAUST, Avrahan. Ethnic Complexity in Northern Israel During Iron Age II. *Palestine Exploration Quarterly*, Reino Unido, v. 132/1, p. 2-27, 2000.

<sup>2</sup> Jezrael fica na extremidade norte, a menos de 16 km do Meguido. A cidade ficou conhecida na tradição bíblica na narrativa da vinha de Nabot e a usurpação dela por Acab e Jezabel (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 257), ou seja, Jezrael remonta à dinastia omrida, e tem semelhança com o palácio de Samaria, o que aponta para a conquista da cidade no período de omrida, que ficou por volta de 40 anos no poder.

ou menos desprotegidas (sem muros). “Sobrevivia-se com o trabalho da roça. Cada clã produzia o necessário aos seus” (SCWHANTES, 2004, p. 18); assim, não havia comércio, e sim trocas quando necessidades imprevistas aconteciam.

A respeito da *cidade*, nela viviam poucos. Segundo Schwantes “a ‘classe’ – Estado e os segmentos sociais que detinham o controle do conjunto social, ou seja, trata-se da corte e de seu funcionalismo, dos sacerdotes do tempo citadino e dos comerciantes” (2004, p. 18). Neste sentido, havia uma parte “considerável das cidades que era ocupada pelo exército, seus soldados e armas (carros de combate)” (2004, p. 18), mas também havia os empobrecidos (viúvas e órfãos), assim como os escravos.

Deste modo, Amós vivencia os auspícios de uma sociedade em pleno desenvolvimento e expansionismo, em contraste com as injustiças marcantes desse período. Pois a realidade das pessoas da roça, ao que parece, era exatamente o inverso do que acontecia com as elites: “a gente do campo era convocada a gerar riqueza, com seu suor e sua fome, os produtos e as riquezas necessários para o expansionismo comercial e militar. A realidade do povo era marcada pela dura exploração” (SCHWANTES, 2004, p. 18). Muitas vezes a exploração ocorria por meio da religião, além de outras formas,

suas festas e seus ritos, incrementavam tanto a produção quanto a arrecadação tributária, por isso para Amós as idas ao tempo *multiplicam as transgressões* (Am 4,4). E por meio da *violência física*, que é parte das estruturas de Samaria. O que indica que a realidade dos camponeses é marcada pela violência e a exploração (Am 3,9-10) (SCHWANTES, 2004, p. 26).

Aqui podemos nos recordar de Mircea Eliade, que afirma o seguinte: “é sempre numa certa situação histórica que o sagrado se manifesta. Até as experiências místicas mais pessoais e mais transcendentais sofrem a influência do momento histórico” (2002, p. 9), ou seja, a religião reflete o cotidiano de exploração e violência por parte do Estado.

*Narrativa*

## Tradução de Amós 1-2

1. Palavras de Amós o qual foi criador de ovelhas de Técuá. O qual viu sobre Israel nos dias de Ozias do rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto.
2. Disse: Javé de Sião rugiu e de Jerusalém tornará, a voz lamentará<sup>3</sup> os pastos o que apascenta e murchará (com) veneno a plantação/cume do Carmelo.
3. Assim falou Javé: sobre três pecados de **Damasco** e sobre quatro não voltarei/revogarei. Por causa dos seus passos, pois destruíram com debulhadores de ferro a Gileade.
4. E lançarei fogo na casa de Hazael, e consumirá os palácios fortificados de Ben-Adad;
5. E despedaçarei a tranca de Damasco e destruirei os que vivem no vale de Àven, e o que segura o cetro de Bete-Édem, e irão para o exílio o povo de Aram, para Quir, dito de Javé.
6. Assim disse Javé: sobre três crimes de **Gaza** e sobre quatro não voltarei/revogarei. Pois levaram cativo exilados inteiros para entregarem para Edom.
7. E colocarei fogo na muralha de Gaza e consumirá os palácios fortificados dela.
8. E destruirei o que vive/habita em Asdode, o que segura o cetro de Asquelom e trarei de volta pela minha mão, os de Ecom perecerão o remanescente dos filisteus, dito do Senhor Javé.
9. Assim disse Javé: sobre três pecados **Tiro** e sobre quatro não voltarei/revogarei. Pois entregaram cativos exilados inteiros para Edom e não se lembraram da aliança de irmãos.
10. E porei fogo na muralha de Tiro e consumirá os palácios fortificados dela.

---

<sup>3</sup> *Lamento fúnebre.*

11. Assim disse Javé: sobre três pecados de **Edom** e sobre quatro não voltarei/revogarei. Sobre perseguir dele com a espada o irmão dele e arruinou as misericórdias dele e queimou para sempre, até mesmo arrogância protegeu eternamente.
12. E lançarei fogo contra Temã e ele consumirá os palácios fortificados de Bozra.
13. Assim disse Javé: sobre três pecados dos filhos de **Amon** e sobre quatro não trarei de volta. Pois fenderam as grávidas de Gilead, para tornar vasta suas fronteiras.
14. E porei fogo na muralha junto a Rabá e ele devorará os palácios fortificados dele. Com grito no dia da batalha com tempestade por causa do dia do vendaval.
15. E levarei o rei para o exílio e junto com um grupo de exilados e seus príncipes, dito de Javé.
16. Assim disse Javé: sobre três pecados de **Moab**, e sobre quatro não voltarei/revogarei! Porque queimou os ossos do rei de Edom até calciná-los.
17. Enviarei fogo contra Moab, e ele devolverá os palácios de Cariot. Então, morrerá Moab em meio ao barulho em meio ao grito de guerra, ao som da trombeta.
18. Exterminarei o juiz de seu meio, e com ele matarei todos os seus príncipes, dito de Javé.
19. Assim disse Javé: sobre três pecados de **Judá**, e sobre quatro não voltarei/revogarei! Porque desprezaram a lei de Javé e não guardaram os seus decretos, seus ídolos os seduziram, aqueles atrás dos quais os seus pais andaram,
20. Enviarei fogo contra Judá, e ele devorará: os palácios de Jerusalém.
21. Assim falou Javé: sobre três pecados de **Israel** e sobre quatro não voltarei/ revogarei. Pois vendem por prata o justo/*tsadiq* e o pobre/*ebyon* por um par de sandálias.
22. Esmagam/pisam até o pó da terra a cabeça dos oprimidos/*dalim* e o caminho dos miseráveis/*'anawim* perverteu, e o homem e

- seu pai andam em direção a serva para profanar a meu santo nome.
23. E sobre vestes de penhora se estendem para baixo, e todo e qualquer altar, e vinho de multas bebem na casa de seu Elohim.
  24. E eu exterminei o amorreu diante deles, cuja soberba era como cedro e o orgulho do forte daqueles como carvalhos! E destruí o fruto por cima e na raiz que está debaixo.
  25. E eu fiz subir da terra do Egito, e conduzi pelo deserto quarenta anos para herdar a terra do amorreu.
  26. E ergui do pó seus filhos, o profeta, e do jovem, o que fez voto de narizeu. Também não foi isso filhos de Israel? Dito de Javé.
  27. Mas deu de beber para o nazireu vinho, e para o profeta disse para não falar a profecia.
  28. Eis que, eu pressionei ao solo, como carro carregado de feixes.
  29. Desviar será impossível ao ágil e fugir, o homem forte não usará seu vigor/sua vida/seu fôlego.
  30. E aquele que maneja o arco não resistirá de pé, o homem ágil não se salvará com os seus pés, o cavaleiro não salvará a sua vida/seu fôlego.
  31. O mais valente entre os soldados fugirá nu naquele dia. **Dito de Javé.**

## Estrutura e Coesão de Amós 1-2

Os capítulos 1 e 2 de Amós formam uma unidade literária com estrutura e temas muito próximos, o que Schwantes chama de “ditos sobre os povos e Israel”. Neste sentido, é importante considerar a leitura desta unidade sob o prisma dos pecados cometidos pelo destinatário da mensagem e o consequente castigo. A estrutura é a seguinte:

### A. Introdução (1,1-2)

1. Sentença sobre Damasco (v. 3-5)
2. Sentença sobre Gaza (v. 6-8)
3. Sentença sobre Tiro (v. 9-10)



4. Sentença sobre Edom (v. 11-12)
5. Sentença sobre Amon (v. 13-15)
- B. Sentença contra Moab (2,1-3)
- C7. Sentença contra Judá (v. 4-5)
- D8. Sentença contra Israel (v. 6-16)

Os capítulos 1 e 2 de Amós se apresentam internamente com uma estrutura marcada, cuja mensagem é de denúncia e castigo, ou chamado ao *ciclo dos povos*. As estrofes são pontuadas pela indicação do emissor, *assim disse Javé* (v. 2, 3, 6, 9, 11, 13; 2,1, 4, 6). A palavra a ser profetizada é de Javé e não do mensageiro. Há aqui uma clara legitimidade do que será dito, além de alguns blocos terminarem com a expressão *dito de Javé* (v. 5, 8, 15), que se refere à visão do profeta. Em seguida, apresenta-se o destinatário, com uma particularidade ao usar o recurso da literatura sapiencial, *n + 1*, neste caso, *por três transgressões, por quatro não voltarei...*, para, em sequência, indicar a transgressão e o conseqüente castigo.

Vale lembrar que os capítulos 1 e 2 se desenvolvem em oráculos contra as nações: Damasco, Gaza, Tiro, Edom, Amom, Moab, para em sequência tratar dos dois reinos irmãos: Judá e Israel, com especial atenção para este último. Segundo Hurtado, os capítulos 1 e 2 seguem uma estrutura própria (2012, p. 458):

- Introdução do oráculo: “Assim disse Javé”
- Explicação e identificação do destinatário
- Exposição do pecado
- Castigo
- Conclusão do oráculo

Isso demonstra que a mensagem do profetizador foi reelaborada posteriormente, dando características formais ao pensamento e à profecia de Amós. Neste sentido, Amós 1 e 2 se desenvolve em um ritmo contínuo. A perícope de 1,1-2 funciona como abertura, ou introdução geral ao livro, e contém diversas informações importantes para a compreensão da profecia

como um todo. A partir de 1,3-2,14 ocorre a chamada de atenção ao *ciclo dos povos*, que segundo Schwantes trata-se

do trajeto das rotas comerciais. **O primeiro par** (1,3-5 + 1,6-8) agrupa Damasco e Gaza (e as demais cidades filistéias). Essa sequência deve-se à rota comercial que, a partir da Mesopotâmia, segue por Damasco, pela Planície de Jezrael e pela terra dos filisteus, até o Egito. **O segundo par** (1,13-15 + 2,1-3) reúne Amon e Moab, por onde transita, vindo de Damasco a rota transjordaniã que se dirige ao Golfo de Ácaba. **No centro** rodeada por essas duas rotas (Damasco-Filistéia e Damasco-Amon-Moab), encontra-se Israel para o qual converge a principal atenção do ciclo." (2004, p. 63).

Nesta perspectiva, o texto de Amós 2,1-16 dá continuidade na apresentação dos temas com as mesmas características formais de Amós 1,1-15. Ou seja, apresenta a palavra de Javé, neste caso, para Moab (1-3), para Judá (4-5) e para Israel (6,16). Em cada uma das sentenças, o profeta denuncia os pecados das nações e suas consequências, de acordo com sua transgressão.

O capítulo 2 dá uma ênfase maior aos crimes de Israel, apresentando-os em 11 versículos. A primeira parte é uma introdução, conforme a sabedoria de n + 1, *sobre três pecados de... e sobre quatro não voltarei/revogarei*, para, em seguida, descrever o motivo da indignação de Javé contra aquela nação (6b).

Em 2,9-12, o texto apresenta os atos salvíficos de Javé no passado do povo, a *derrota dos amorreus, a libertação do Egito*, a separação de pessoas para orientar e inspirar o povo, *profeta e nazireu*. Em sequência, no v. 12, ele descreve o que o povo fez com esses dois grupos: conseguiram perverter o *nazireu* e calar a boca dos *profetas* (v. 12).

Na última unidade, v. 13-16, o profeta descreve a sentença contra os pecados de Israel, ou seja, seu castigo, e que nenhum valente vai sobreviver a essa intervenção de Javé.

#### Introdução (v.1-2)

O texto inicia com duas importantes informações: *davarim, palavras de Amós*. A expressão *davar, palavra*, indica que o profeta está na história como agente. A compreensão de *davar* ultrapassa uma mensagem teórica sobre

determinada situação, mas inclui uma ação do profeta no contexto em que ele vive. Afinal, *davar* também é *acontecer*.

Sobre o segundo aspecto, indica o nome do pronunciador, *profetizador* das palavras do livro: Amós. O redator final deixa claro que o oráculo pertence ao profeta/vidente, pois o texto diz que ele *viu Israel e Judá*.

A respeito de sua origem, Tércua, sugere que ele faz parte dos camponeses do Sul, conforme será descrito mais adiante. Não fica claro no texto o motivo de sua migração para o Norte, mas o fato é que agora ele faz parte de um contexto bem diferente daquele ao qual estava acostumado. O Norte nesse período é próspero e vivencia as transformações constantes advindas de grandes centros. O Sul, enquanto isso, permanece mais fechado em suas tradições e não desfruta de uma boa economia agrícola e expansão territorial e populacional como o Norte.

Sobre sua profissão, ainda há muitas discussões a este respeito. Alguns se posicionam dizendo que Amós era um proprietário de um rebanho, ou apenas criador, pois ele era um *noqed*. Fato é que sua mensagem é marcada pela linguagem campesina, grupo que ele defende fervorosamente, bem como bélica, na direção daqueles que são os destinatários de sua mensagem.

Ao mencionar os reis de Judá e Israel, Ozias e Jeroboão respectivamente, o texto nos informa um período. Além de indicar a data de mais ou menos 760 a.C., também sugere um período de uma dinastia próspera, a de Joás e de seu filho Jeroboão II, que reinou cerca de 40 anos (788-747 a.C.). No reinado de Jeroboão II, como visto acima, ocorre um desenvolvimento exponencial no Norte, segundo Kaefer:

e com ele uma nova estrutura burocrática mais complexa: por um lado, famílias poderosas ligadas à corte o que faziam parte dela; do outro lado, camponeses e pequenos proprietários que eram expropriados de seu trabalho e de suas terras. As escavações arqueológicas de Samaria, capital de Israel Norte, revelaram que, já no reinado dos omridas, obras magníficas, como palácios e muralhas, foram construídas na cidade à custa do trabalho camponês. Porém, nada comparável à opulência em que vivia a elite de Samaria no reinado de Jeroboão II. (2015, p. 89).

E em se tratando de trabalho camponês e economia agrícola, cabe salientar a importância dos produtos agrícolas. Segundo Schwantes,

Jeroboão II necessitava do produto agrícola não só para manter seu estado expansionista, mas também para participar ativamente do comércio internacional que circulava pela Planície de Jezrael<sup>4</sup> e pela via transjordaniana (2004, p. 19).

Há também a indicação de que a voz de Javé vem desde Sião e Jerusalém, e encontra em Israel eco, pois o cenário de injustiças é semelhante. Aqui, certamente, temos a influência da redação final do texto no Sul, pois isso culminará com a devastação do Carmelo. Sobre o Carmelo, cabe lembrar que ele é conhecido por suas plantações e terra fértil, mas que agora, devido ao pecado cometido por exploradores do povo, sofrerá devastação. Outro aspecto a considerar é sobre a analogia da voz de Javé com um rugido, o qual demonstra a voracidade da palavra a ser profetizada. Segundo Andrade, a “identificação com o Leão aparece mais de uma vez no livro: 1,1; 3,4.8.12; 5,19. Parece indicar ora a palavra de Deus, ora a palavra do profeta. É uma metáfora que apontaria na direção da ferocidade de uma palavra que exige mudança irrevogável” (2011, p. 2).

Mas de igual modo, trata-se de uma analogia ao símbolo de Jeroboão II. Em um selo, pertencente a um alto funcionário do rei, encontrado em Megido em 1904, havia a imagem “de um leão rugindo e uma inscrição que diz *Shama Yerob'oam* (servo/oficial de Jeroboão)” (KAEFER, 2015, p. 85). Neste sentido, Amós quer demonstrar que na verdade Javé é quem tem a última palavra e o poder. A voracidade de Jeroboão não se equipara à de Javé em sua intervenção diante dos males praticados pela elite de Israel e de outras nações.

Deste modo, a introdução do livro de Amós nos mostra uma situação de injustiça que demandava uma intervenção profética comprometida com a justiça de Javé, como será visto nos textos posteriores.

### Sentença contra os povos (1,3-2,3)

A expressão *assim falou Javé* é uma fórmula conhecida, especialmente no “envio do mensageiro”, ou seja, trata-se de uma “fórmula oriunda da

---

<sup>4</sup> Para conhecer melhor a importância de Jezrael, especialmente no período dos omridas, ver os seguintes textos: KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras bíblicas II*. São Paulo: Paulinas, 2016; LAGES, José Antônio Correa. *As escavações arqueológicas em Jezreel*. 2014. Disponível em: <http://portal.metodista.br/arqueologia/artigos/2014/as-escavacoes-arqueologicas-em-jezreel/view>

troca de mensagens” que agora é utilizada pelo profeta para enviar a mensagem aos seus destinatários e, ao mesmo tempo, legitimar sua fala., especialmente com o uso repetido em cada sentença da fórmula *dito de Javé*, que é uma expressão que aparece em textos de visionários. Ou seja, o envio da mensagem é realizado pelo visionário, que teve visão de Javé. É bom lembrar que o profeta se refere ao período em que Damasco atacou Samaria (1Rs 10).

A expressão que aparece no v. 4, *lançarei fogo na casa... e consumirá os palácios fortificados*, se repete ao longo das sentenças contra as nações, indicando sua fragilidade em termos de segurança diante do que Javé irá fazer.

No v. 5, a sentença deixa claro que Damasco ficará sem segurança, à mercê dos inimigos: *despedaçarei a tranca de Damasco*. A destruição também ocorre no vale de Àven, que também pode ser traduzido por *vale do delito, pecado*. De igual modo *filhos de Edom* pode ser traduzido por *casa de delícias*. Ou seja, tanto no *vale do pecado* como na *casa de delícias*, há destruição como castigo pelo que fizeram a Gileade.

Há aqui também uma provável volta dos arameus para Quir, ou seja, voltaram para o seu lugar de origem, o seu começo, perderiam “seu poderio e seu esplendor” (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1991, p. 994).

Gaza, Asdode, Asquelon e Ecom são cidades filisteias importantes para o comércio da época. São localidades onde havia comércio de escravos, que eram vendidos para Edom (SICRE DIAS, 1996). A expressão *colocar fogo*, como dito anteriormente, diz respeito à falta de proteção que atingirá Gaza, a ponto de os palácios sofrerem danos e também ficarem expostos. A expressão *consumirá* tem a ver com *devorar, aniquilar*, ou seja, nas palavras de Amós, os palácios de Gaza deixarão de existir, devido a sua deslealdade e venda de pessoas para Edom.

Gaza significa também *fortaleza*; há, provavelmente, um jogo de palavras: *a fortaleza ficará sem segurança*. Bem como com Asquelom, cujo significado é *estéril*, que ficará de luto, uma cidade estéril que está de luto constante. Aqui não faz referência à quinta cidade filisteia, Gat, que já havia sido tomada.

A mesma sentença sobre as cidades filisteias recai agora sobre Tiro, com um agravante: *não se lembraram da aliança de irmãos*. Na boca do

profeta *irmãos* não são somente a elite, mas também a população em geral que estava sendo vendida e levada cativa para Edom. *Lembrar, zahar* na tradição veterotestamentária é algo muito importante, especialmente quando relacionada a aliança. Estabelecer uma aliança exige compromisso das partes. O que não estava acontecendo por parte de Tiro. O comércio era mais importante, por isso seu destino seria o mesmo dos outros povos, a destruição dos muros de proteção e do centro do governo.

Aqui, ao que parece, Amós está trazendo à memória o passado comum dos edomitas e israelitas (Gn 25). E mais uma vez, Edom continua perseguindo seu *irmão* e preserva, *protege a arrogância* de sempre.

Sobre Amon, recai um castigo ainda mais acentuado, pois *fender o ventre das grávidas* indica um delito grave. Isso se refere a não existência de descendência, o que faz lembrar o faraó no Egito, mas agora com uma crueldade maior, uma vez que as crianças sequer nasceriam! Essa crueldade tem castigo: além dos fogos nos portões que chegariam aos palácios, o rei e seus príncipes seriam levados para o exílio. Não é suficiente a destruição interna do palácio, mas a entidade política deveria sofrer danos.

Contra Moab, a condenação se dá pela “queima dos ossos”, cuja atrocidade é abominável perante o povo israelita (v.1-3).

#### Sentença contra Judá e Israel (2,4-16)

Contra Judá, em dois versos (v. 4-5), o profeta denuncia a ausência da *torah* e sua *idolatria* com relação aos outros deuses, mas a sentença será a mesma de Moab: Javé enviará fogo contra ela para exterminar os “palácios de Jerusalém”.

Até o v. 5, Israel certamente estava disposto a ouvir a profecia, como salienta Schwantes: “até aí Amós terá contado com a simpatia de seus ouvintes e leitores; afinal, é bom que alguém fale mal dos estrangeiros. A partir deste último dito, no mínimo terá perdido a complacência do poder das armas” (2004, p. 65). A partir do v. 6, a mensagem tem como destinatário aqueles que antes só estavam ouvindo falar de outros povos. De acordo com a nota da Bíblia de Jerusalém, “incluindo Israel, Amós provocava, por certo, a estupefação e a cólera de seus ouvintes, indignados por serem igualados aos

pagãos” (p. 1614). Vale lembrar que o profetizador utiliza 11 versículos para denunciar os feitos de Javé e o castigo por estas transgressões.

O bloco abre a seção mais uma vez com o *dito de Javé, assim falou Javé*, o que aponta para o emissário das palavras que vem a seguir. No hebraico,  *falou/disse* está no perfeito, algo que já aconteceu. Assim a fala de Javé já foi dita; o profeta agora é apenas anunciador dessa fala.

A expressão *pecado, crimes*, tem como sinônimo *delito, crime, ofensa*. Dessa forma, indica não somente pecado de profanação, mas essencialmente o *crime* contra o seu próximo, pois Israel tem oprimido os grupos socialmente frágeis, como será visto mais adiante.

Neste ponto Israel está no mesmo patamar que as nações pagãs, com o diferencial que as outras nações estão em diatribe com outros povos, e em Israel essa contenda é interna, pelos desmandos do governo em sua política de expansão a qualquer custo e pelo sustento da opulência da elite, em face ao empobrecimento da população camponesa.

Agora a profecia de Amós tem no contexto interno de Israel um grupo de pessoas que estão sofrendo com as atitudes dos governantes e sua elite. Lembre-se da política expansionista de Jeroboão II e o enfraquecimento das camadas sociais mais baixas, como visto alhures.

No v. 6b, lemos a expressão *o justo é vendido por prata*. Na tradição bíblica o *justo, tsadiq*, é alguém que pensa no bem da comunidade, é alguém *fiel à comunidade* a que pertence. Neste caso, ele é *vendido por prata*, ou seja, aquele que vive em função dessa comunidade não é levado em conta; antes, está sendo vendido, porque nesta sociedade aquele que pensa no bem comum não tem espaço.

Neste sentido, cabe salientar que os pecados de Israel, diferente de outras nações, dizem respeito aos aspectos internos do povo. Não há um inimigo a ser combatido externamente, mas internamente as relações estão estremecidas. Segundo Hurtado,

As ações afetam uma categoria de pessoas que recebem os nomes de “justo, indigente” (no primeiro verso), e “miseráveis, pobres (no segundo verso). Cabe dizer que o termo justo pertence a um mundo de categorias estritamente religiosas, os demais termos (indigente, mísero, pobre) provém de um contexto que podemos chamar de social, já que os qualifica tomando como base a situação derivada do possuir ou não bens materiais e oportunidade de progresso e bem-estar (2012, p. 462).

Neste caso, tanto a classe empobrecida quanto aquela que provém do âmbito comunitário e religioso sofrem danos pelo abandono social em que vivem. Outra questão a destacar é que, segundo Siqueira, há pelo menos três palavras para falar de pobreza no texto hebraico, que são as seguintes:

***dal***, uma pessoa extremamente pobre, a ponto de não ser exigida dela oferta cara para o templo (Lv 14,21); ***ebyon*** que fala de uma pessoa que perdeu seus bens e se tornou “destituída” (Dt 14,28-29); ***'ani***, uma pessoa que se encontra na aflição por seu estado de miserabilidade (2005, p. 71)

Interessante porque estas três categorias aparecem no texto de Amós, *pobre, ebyon*, (6b), e *oprimido, dal* e *miserável, 'ani*, (v. 7). De igual modo é de se destacar que *vendem por prata o tsadiq*, alguém que pode ser do ambiente cúltico ou cidadão com seus direitos; e o que perdeu seus bens, *ebyon*, por *um par de sandálias*, ou seja, seu valor, por ter perdido seus bens, é diferenciado. Mas há também que refletir sobre a falta de observação do direito do pobre, pois o *ebyon*, neste contexto, perdeu seus bens porque lhe foram tirados por alguém. Seriam os juízes dos portões, o Estado com sua tributação, dívida com grupos de mercenários? Fato é que esta categoria social foi prejudicada pela conjuntura promovida pelo Estado.

Quanto aos *oprimidos, dal*, os que eram extremamente pobres, eles esmagavam até o pó. Esse grupo não tinha valor nem servia para a elite, por isso eram *tritutados*, uma outra possibilidade de tradução, e sucumbiam à avidez das elites. É bom salientar que, na tradição da criação (Gn 2,4ass), o ser humano é criado por meio do pó da terra, e aqui o *dal* é reduzido pelas elites a uma condição desumana, antes da criação, de volta ao pó. Ele não tem direito de participar das benesses do Estado e, muito menos, da criação de Javé, pois é *esmagado* pelas elites.

Os *aflitos, miseráveis, 'anawim*, tiveram seu caminho pervertido por aqueles que deveriam conduzi-los nos princípios de uma sociedade baseada na justiça. Mas nela, o *homem e seu pai* estão preocupados em ir *na direção da serva*, e também com isso profanam o nome santo de Javé. A perversão dos *miseráveis*, que não têm ninguém por eles, é conduzida por homens que estão preocupados em saciar suas necessidades, sejam elas quais forem.

No v. 8, encontramos uma alusão às multas que podiam ser pagas ao templo ou à pessoa prejudicada como compensação (Ex 21,22; Dt 22,19),



conforme Alonso Schökel e Sicre Diaz (1991, p. 996), mas neste caso era usada para abusos do poder com relação aos seus vícios e com isso profanam o altar, transformando-o em *qualquer altar*. A casa de Elohim se tornou casa de profanação e de extorsão.

Os v. 9,10,11 narram acerca dos atos salvíficos de Javé: *exterminei o amorreu (v. 9), fiz subir da terra do Egito (v. 10) e ergui do pó seus filhos, o profeta (v. 11)*. Cabe destacar que a menção aos amorreus diz respeito à anexação desse grupo ao povo de Israel, bem como a salvação impetrada por Javé, quando *ouviu o clamor do seu povo* e os libertou da terra do Egito. *Fiz subir* diz respeito à geografia do Egito em relação à terra de Canaã.

O v. 12 deixa clara a resposta de Israel, *deu de beber para o nazireu*. Segundo Mackenzie, o nazireu é um “termo de significado religioso, atribuído a quem faz certo tipo de voto. (...) A lei sacerdotal tardia de Nm 6 permite que a norma seja seguida por um homem ou por uma mulher. Inclui a abstinência de bebidas alcoólicas, o uso da navalha e o contato com os mortos” (2003, p. 648). A saber, o povo não respeitou o voto feito espontaneamente por alguém e de igual modo não respeitava quem era vocacionado por Javé para falar as profecias. Por isso, eles dizem para *não falar a profecia*, o que o próprio Amós vai ouvir em 7,12, certamente porque esta confrontava o que estava acontecendo em Israel.

A partir do v. 13ss, o texto apresenta o castigo contra Israel. Agora Javé vai *pressionar ao solo, como carro carregado de feixes* — seria o produto extorquido da população camponesa pobre? É importante salientar que as figuras apresentadas a seguir, que não podem se esconder, fazem parte da corte e do exército: *ágil, homem forte, arqueiro, cavaleiro* e, por fim, *o mais valente entre os soldados (o rei?)*. Estes não terão como fugir.

A contraposição é clara, o povo sofrido (*dal, ebyon e ‘ani*) e o exército e toda a sua composição (*ágil, homem forte, arqueiro, cavaleiro* e por fim, *o mais valente entre os soldados [o rei?]*) não experimentarão o mesmo fim. O primeiro grupo participará da proteção de Javé, já que o estado negligenciou seu papel. O segundo grupo sofrerá as consequências de suas ações diante do povo de Javé. Segundo Alonso Schökel e Sicre Dias, “as duas qualidades militares geralmente apreciadas são a força para resistir, a agilidade para manobrar (e retirar-se se for preciso)” (1991, p. 997), mas neste caso eles não

terão como fugir e nem resistir, pois a força para amparar os frágeis, diante destes que são fortes, é de Javé. Segundo Schwantes,

Nela somente é atingido o exército: sua "infantaria" ("o ágil", "o forte", "o valente", "o ligeiro de pés), que era o setor mais numeroso, sua "artilharia" ("o arqueiro"), sua "cavalaria" ("o que vai montado a cavalo"), e, por fim, sua "oficialidade" ("o valente) e seu "generalato" ("o mais corajoso entre os valentes"). Todos serão assolados pelo medo e devorados pela morte, com exceção de "o mais corajoso dos valentes" (o "general" ou/e "rei"), que em desonra total "fugirá nu" (2004, p. 66).

A pergunta que fica é: por que o exército sofrerá danos tão irreparáveis? O próprio Schwantes informa que o exército participa da "pilhagem dos fracos denunciada em 2,6-8". São eles que dão cobertura a quem espolia o pobre. Os militares "garantem juízes, comerciantes, senhores e sacerdotes em suas investidas contra escravas e camponeses espoliados" (2004, p. 66). Assim, fica claro que há uma estrutura interna que massacra o pobre em função da dinâmica do Estado e das elites. Essa organização interna é que dá segurança àqueles que oprimem de que não sofrerão danos. Daí que o profeta aponta para tais pecados estruturais e suas consequências, afinal "o rei ficará nu".

## Considerações Finais

Wolff, comentando sobre Amós, afirma que "o interesse de Javé é simplesmente o interesse dos pobres" (1974, p. 209). De fato, a profecia de Amós, como profeta da justiça, impõe ao/à leitor/a a reflexão sobre a organização social e estrutura do Estado, e a marginalização de grupos socialmente frágeis. Na tradição bíblica, observamos Javé, por meio da profecia, indo ao encontro daqueles/es a quem é negado o direito ao básico para sobrevivência e, em 2,6-16, observamos que o grupo social dos desvalidos está sendo deixado de lado e sucumbindo à magnitude do Estado e seus grupamentos sociais das elites.

Ao proclamar o direito do justo e a equidade para os pobres, Amós denuncia estas estruturas opressoras e causadoras de uma profunda crise social, embora o Norte vivesse uma intensa internacionalização e crescimento interno, nos aspectos econômicos e políticos, mas que não chegava à ponta de baixo da sociedade. O grupo invisibilizado da sociedade

era usado para manter as estruturas vigentes. Afinal, rei e exército são mantidos pela população pobre e espoliada.

## Referências

- ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAS, J. L. *Profetas 2*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- ANDRADE, A. C. O leão que vem do sul: literatura, política e sociedade no livro de Amós. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LITERATURA, CRÍTICA, CULTURA: LITERATURA E POLÍTICA, 5., 2011, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: UFJF, 2011.
- BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- ELIADE, M. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. FAUST, A. Ethnic Complexity in Northern Israel During Iron Age II. In: *Palestine Exploration Quarterly*, Reino Unido, Volume 132/1, p. 2-27, 2000.
- FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- HURTADO, S. P. El oráculo contra Israel: una lectura de Am 2.6-16. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 632, n. 164, jul./dez. 2012.
- KAEFER, J. A. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.
- MCKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SCHWANTES, M. *A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amós*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SICRE, J. L. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, as mensagens*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SIQUEIRA, T. M. *Tirando o pó das palavras: história e teologia de palavras e expressões bíblicas*. São Paulo: Cedro, 2005.
- WOLFF, H. W. *Hosea: A Commentary on the Book of the Prophet Hosea, a Critical and Commentary on the Bible*. Philadelphia: Fortress Press, 1974.

RECEBIDO: 02/06/2020  
APROVADO: 21/07/2020

RECEIVED: 06/02/2020  
APPROVED: 07/21/2020